

# A comunidade vocacional

Fabián Martín Gómez, agostiniano recoleto

## *Introdução*

*As portas e janelas de acesso  
à experiência da vida comunitária agostiniana recoleta:  
— “é sem dúvida você”,  
— “é precisamente eu”;  
— “definitivamente, somos nós”.*

Tanto nas comunidades cristãs como nas comunidades de vida religiosa consagrada, infelizmente, existe de forma acentuada a mentalidade “*delegacionista*” no que diz respeito à animação das vocações. A falta de compromisso com a promoção vocacional deve-se, em parte, ao fato de que a maioria das pessoas encaminha essa tarefa para os responsáveis diretos pela pastoral vocacional.

Por sua vez, os promotores vocacionais fazem o melhor para chegar a todos os interessados e aos lugares para os quais são convidados, às vezes cansados e apressados. Esta práxis na pastoral vocacional é agora obsoleta e não corresponde a uma compreensão contemporânea da Igreja, um mistério de comunhão e missão.

Neste sentido, é muito importante gerar uma nova práxis pastoral no que diz respeito ao cuidado pastoral das vocações dentro das comunidades cristãs: “*todos nós somos agentes de promoção vocacional*”. Este slogan não é apenas uma máxima, mas nasce da mesma compreensão da Igreja, como um mistério de comunhão e missão. A Igreja é a Mãe de todas as vocações.

Cada comunidade local é chamada pelo Espírito a fomentar as estruturas e processos necessários tanto para o despertar vocacional das novas gerações quanto para garantir o acompanhamento na busca e discernimento de uma vocação específica. Os jovens discípulos de Jesus devem encontrar apoio e ajuda suficientes para que possam descobrir e realizar a missão para a qual vieram ao mundo.

Esta reflexão, portanto, tenta provocar uma mudança de mentalidade no que diz respeito à animação das vocações. Trata-se de substituir uma práxis pastoral na qual o promotor vocacional faz tudo, por uma pastoral na qual todos na comunidade assumem o serviço da pastoral vocacional como ação pastoral permanente.

A partir desta perspectiva, é urgente pôr em marcha uma pastoral vocacional aberta a uma práxis na qual, contando com o compromisso determinado dos leigos, todas as vocações sejam encorajadas e promovidas nas comunidades locais. Desta forma, será possível pôr em marcha uma ação pastoral que, por um lado, permite alegrar a beleza das vocações específicas entre aqueles que já as descobriram e, por outro lado, este testemunho, por sua vez, abre novos horizontes no seguimento de Jesus para os jovens.

### ***Um testemunho que atrai***

O *Evangelho de João* é o Evangelho das histórias que se referem à fecundidade do testemunho dos discípulos de Jesus. Depois do prólogo (*João* 1,1-1) temos imediatamente João Batista que dá testemunho de Jesus, antes de tudo, diante dos sacerdotes e levitas judeus:

*“Entre vós está alguém que vós não conheceis: aquele que vem depois de mim, e do qual eu não sou digno de desatar as correias da sandália” (vv. 26-27).*

Em segundo lugar, o texto diz que no dia seguinte ele testemunhou perante a multidão dos ouvintes:

*“No dia seguinte, João viu que Jesus vinha a seu encontro e disse: Eis o Cordeiro de Deus, aquele que tira o pecado do mundo. João ainda testemunhou: Eu vi o Espírito descer do céu, como pomba, e permanecer sobre ele. Pois eu não o conhecia, mas aquele que me enviou a batizar com água disse-me: Aquele sobre quem vires o Espírito descer e permanecer, é ele quem batiza com o Espírito Santo. Eu vi, e por isso dou testemunho: ele é o Filho de Deus” (vv. 29.32-34).*

Em terceiro lugar, o testemunho de João Batista é dirigido a seus discípulos:

*“No dia seguinte, João estava lá, de novo, com dois dos seus discípulos. Vendo Jesus caminhando, disse: Eis o Cordeiro de Deus” (vv. 35-36).*

Essa é a referência chave que coloca esses discípulos no caminho da busca, *“os dois discípulos ouviram esta declaração de João e passaram a seguir Jesus”*(v. 37). Então o encontro direto com o Mestre, *“Jesus voltou-se para trás e, vendo que eles o seguiam, perguntou-lhes: Que procurais? Eles responderam: Rabi (que quer dizer Mestre), onde moras? Ele respondeu: Vinde e vede! Foram, viram onde morava e permaneceram com ele aquele dia”*(vv. 38-39). Então André, que era um dos dois discípulos, corre para seu irmão Simão e lhe diz: *“Encontramos o Cristo! (Que quer dizer Messias). Então, o conduziu-o até Jesus”* (vv. 41-42). No dia seguinte, Jesus encontra Filipe e o chama para segui-lo. E a mesma história se repete. Filipe encontra

Natanael e Ihe diz: *“Encontramos Jesus, o filho de José, de Nazaré, aquele sobre quem escreveram Moisés, na Lei, bem como os Profetas”* (v. 45); e ele o conduz a Jesus (v.46).

Os relatos do Evangelho de João se referem repetidamente à fecundidade do testemunho dos discípulos de Jesus; um testemunho que convence, que atrai e que leva a Jesus. Os discípulos recém chamados, por sua vez, chamam outros através de sua fé em Cristo, o Messias, Aquele que cumpre os mais profundos anseios do coração humano na medida do dom de Deus.

A fé em Jesus é difusa, é contagiosa, não pode ser confinada nem reduzida a uma experiência privada. A alegria de encontrar Jesus se traduz, por sua vez, em um anúncio entusiasmado: nós o encontramos! Este estilo de anunciar Jesus e seu convite a segui-lo deve ser a nota distintiva da práxis da pastoral vocacional: todos nós somos testemunhas e animadores de todas as vocações!

## ***Para dar vida em Cristo***

Santo Agostinho, já desde o início de sua experiência monástica, convidou outros irmãos a unirem-se a ele no mesmo modo de vida. A partir de seu encontro com Cristo, o seu coração passou a arder com o fogo que sempre incendiou outros corações no mesmo desejo de Deus; tornaram-se tochas que compartilharam com ele os caminhos e as aventuras da vocação cristã e monástica.

Neste sentido, muito significativo é aquele episódio na vida do santo quando, em meio ao encanto da vida monástica em Tagaste (Argélia) no ano 386, ele foi à cidade de Hipona para ganhar um amigo para o mosteiro:

*“Vim a esta cidade para ver um amigo que pensava poder ganhar para Deus vindo para estar conosco no mosteiro” (Santo Agostinho, Sermão 355, 2).*

O santo de Hipona escreveu:

*“Exorto os outros com toda a ânsia que puder a abraçar este propósito, e tenho irmãos no Senhor que pelo meu ministério decidiram fazê-lo” (Santo Agostinho, Epístola 157, 4, 39, a Hilário).*

E há um breve parágrafo de um de seus sermões que deveria nos levar a repensar a pastoral da promoção vocacional a partir da fecundidade própria de toda a vida cristã. Santo Agostinho escreve:

*“Atrevemo-nos a nos chamar de mães de Cristo? [...] Vocês foram filhos, que também sejam mães trazendo a Cristo o maior número possível; para que, assim como foram filhos ao nascer, sejam mães de*

*Cristo trazendo outros ao nascimento” (Santo Agostinho, Sermão 72 A, 8).*

Todos nós, então, como discípulos de Cristo, somos convidados a ser “pais” e “mães” a fim de dar à luz novas vocações na Igreja.

## ***Luzes para o caminho***

*“A Igreja é em Cristo o sacramento, sinal e instrumento da união íntima com Deus e da unidade de todo o gênero humano” (Lumen gentium, n. 1).*

A Igreja aparece como um Povo profundamente unido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo (cf. *Lumen Gentium*, n. 4). De fato, *“todos os filhos de Deus e membros de uma mesma família em Cristo, unindo-nos no amor mútuo e no mesmo louvor da Santíssima Trindade, estamos respondendo à vocação íntima de ser Igreja” (Lumen Gentium, n. 51).*

Por esta razão, o chamado para encontrar Deus é, ao mesmo tempo, um chamado para encontrar nossos irmãos e irmãs, filhos do mesmo Pai. A resposta afirmativa do ser humano ao chamado de Deus origina a *“ekklesia”*, a comunidade dos convocados.

A comunidade cristã tem uma profunda identidade vocacional porque, desde sua origem, é chamada à missão (*Mateus 28, 18-20*); ou seja, a ser um sinal de Cristo, o missionário do Pai no coração do mundo.

Toda vocação floresce na Igreja e é para esta Igreja que viaja pelo mundo em direção à realização de uma grande história, a história da salvação. E a identidade íntima da Igreja é formada na história de cada vocação. Entretanto, uma voz qualificada da Igreja afirmou recentemente:

*“a crise vocacional daqueles que são chamados é também, hoje, uma crise daqueles que chamam, amedrontados e pouco corajosos. Se não há ninguém para chamar, como pode haver alguém para responder?” (Novas vocações para uma nova Europa, n. 20).*

Nesta perspectiva, “a comunidade cristã é a mãe das vocações porque as faz nascer em seu seio, pelo poder do Espírito, as protege, as nutre e as sustenta” (*Novas vocações para uma Nova Europa*, n. 19).

Por isso é importante recriar nas comunidades locais um clima de alegria, de fé, de oração, de comunhão no amor, de maturidade espiritual, de coragem na proclamação, de intensidade de vida sacramental. Isto converte as comunidades cristãs em um terreno preparado não apenas para o surgimento de vocações particulares, mas também para a criação de uma cultura vocacional, ao mesmo

tempo em que torna possível aquela disponibilidade necessária nos discípulos para receber o chamado pessoal que o Mestre faz a eles.

No *Documento de Aparecida* (CELAM 2007), repete-se o discurso de uma evangelização “kerigmática”, que parte sempre de um encontro vivo com Cristo. Aqueles que serão seus discípulos já o procuram (cf. *João* 1,38), mas é o Senhor que os chama: sigam-me (cf. *Marcos* 1,14; *Mateus* 9,9).

O significado mais profundo da busca deve ser descoberto, e o encontro com Cristo que dá origem à iniciação cristã deve ser fomentado. Este encontro deve ser constantemente renovado pelo testemunho pessoal, a proclamação do kerigma e a ação “missionária [vocacional] da comunidade”. O kerigma não é apenas uma etapa, mas o fio condutor de um processo que culmina na maturidade dos discípulos de Jesus Cristo (cf. *Aparecida*, n. 278).

No mesmo sentido, o documento de Aparecida apontava a importância da comunidade como agente formativo no caminho do discípulo missionário:

*“Não pode haver vida cristã a não ser em comunidade: em famílias, paróquias, comunidades de vida consagrada, comunidades de base, outras pequenas comunidades e movimentos. Como os primeiros cristãos, reunidos em comunidade, o discípulo participa da vida da Igreja e do encontro com seus irmãos, vivendo o amor de Cristo na vida fraterna e solidária. Ele também é acompanhado e encorajado pela comunidade e seus pastores a amadurecer na vida do Espírito”* (*Aparecida*, n. 278).

A comunidade cristã é por excelência a comunidade vocacional, um lugar privilegiado no qual o despertar vocacional de seus membros é favorecido, e eles são acompanhados até iluminar em Cristo o sentido de suas vidas.

Finalmente, o documento de Aparecida indica que, com relação à formação dos discípulos missionários, a pastoral vocacional acompanha cuidadosamente todos aqueles que o Senhor chama para servi-lo na Igreja, seja no ministério ordenado, seja na vida consagrada ou no estado laical. Em seguida, assinala que a pastoral vocacional é responsabilidade de todo o Povo de Deus, começando pela família e pela comunidade cristã.

Este ministério pastoral deve ser totalmente integrado ao ministério pastoral ordinário, especialmente aquele que acompanha crianças, jovens, famílias, escolas católicas, etc. Seu trabalho começa incentivando a oração pelas vocações a fim de contribuir para a receptividade do chamado do Senhor, bem como promovendo e coordenando várias iniciativas vocacionais (cf. *Aparecida*, n. 314).

## *A nova onda do Papa Francisco*

O Papa Francisco trouxe à Igreja uma onda de dinamismo da pastoral vocacional com caráter “kerigmático”. De fato, a proclamação das verdades fundamentais da fé cristã é chamada “semeadura vocacional”, porque se trata de depositar a boa semente do Evangelho no bom solo do coração humano.

Tal semente, embora pareça ser uma verdade simples e direta, contém em si uma enorme semente de vida nova, que representa um autêntico “despertar” do sentido vocacional da vida. Esta proclamação do kerigma vocacional é uma tarefa decisiva nas comunidades cristãs:

*“é a prioridade absoluta na transmissão da fé” (... e) “deve ocupar o centro da atividade evangelizadora e de toda tentativa de renovação eclesial” (Papa Francisco, Evangelii Gaudium, n. 110 e 164).*

Todo trabalho pastoral é por sua própria natureza orientado para o discernimento vocacional, na medida em que seu objetivo final é ajudar o fiel a descobrir a maneira concreta de realizar o projeto de vida para o qual Deus o chama. Por esta razão, o Papa Francisco tem dito:

*“o serviço vocacional deve ser visto como a alma de toda a evangelização e de toda a pastoral da Igreja, e por esta razão a pastoral vocacional não pode ser reduzida a atividades fechadas em si mesmas” (Papa Francisco, Mensagem aos participantes do Congresso Internacional de 2017).*

Há uma grande preocupação na Igreja em acompanhar as famílias cristãs e apoiá-las na realização de sua vocação e missão como igrejas domésticas. Dois sínodos realizados em 2016 e 2017 lançam muita luz sobre a vivência do amor cristão na família.

Para o Papa Francisco, a primeira comunidade vocacional é a própria família de origem. Ele escreveu a exortação apostólica *Amoris laetitia*, a alegria do amor, para enfatizar que a família, como igreja doméstica que é, tem a tarefa de viver a alegria do Evangelho na vida cotidiana. Pede-se aos pais que estejam abertos à dimensão vocacional e missionária da vida cristã e que suscite esta dimensão em seus filhos (Francisco, *Amoris laetitia*, n. 18).

De acordo com o pensamento e o sentimento do Papa Francisco, uma das tarefas da pastoral vocacional é conhecer e reconhecer em profundidade a realidade de nossas culturas juvenis, e amá-las com suas possibilidades e riscos, com suas alegrias e tristezas, com suas riquezas e seus limites, com seus sucessos e seus erros (cf. Francisco, *Christus vivit*, n. 200), e enchê-las com a alegria do Evangelho. O melhor

serviço que as comunidades podem prestar à animação das vocações é abraçar as culturas juvenis e tornar possível nelas e a partir delas o encontro com Cristo.

## ***A comunidade vocacional, um novo paradigma para a pastoral vocacional***

Uma comunidade comprova seu vigor e maturidade na condição de vida nova em Cristo, no florescimento das novas vocações que nela conseguem se desenvolver. Onde há comunidades de fé viva, de esperança partilhada, abertas à ação do Espírito, sensibilizadas pela Palavra de Deus, pelos sacramentos e pelo compromisso apostólico, surgem vocações e são um caminho seguro para um autêntico apostolado. Nas palavras do Papa Francisco:

*“Certamente em muitos lugares as vocações para o sacerdócio e para a vida consagrada são escassas. Isto é frequentemente devido à ausência nas comunidades de um fervor apostólico contagioso, que não inspira entusiasmo e atração. Entretanto, onde há vida, fervor, desejo de levar Cristo aos outros, surgem vocações genuínas” (Papa Francisco, Evangelii Gaudium, n. 107).*

O convite de nossas *Constituições dos Agostinianos Recoletos* é de converter cada comunidade em uma autêntica comunidade vocacional:

*“Os responsáveis pelas paróquias, os dedicados à educação, os responsáveis pelos movimentos pastorais, especialmente os jovens, e os que trabalham no campo missionário devem prestar especial atenção a esta pastoral vocacional” (Constituições, n. 157).*

A forma mais eficaz e proporcional de animação vocacional é a oração insistente ao Senhor, e uma vida individual e comunitária exemplar. De fato, o testemunho da alegria é o convite mais direto a abraçar a vida agostiniana recoleta (cf. *Constituições*, n.º 158 e 159).

## ***Conclusões***

A maior dificuldade a serviço da promoção vocacional hoje não reside tanto na compreensão da teologia da vocação, mas na abertura a uma nova modalidade de práxis pastoral. Estamos arrastando conosco um modelo de ação na pastoral vocacional que implica pouco envolvimento por parte da comunidade cristã na animação vocacional.

Certamente, ainda há alguns que são diretamente responsáveis pelo serviço de promoção vocacional, entretanto, é importante que demos um salto qualitativo: a

animação das vocações é assunto e tarefa de toda a comunidade, e todas as formas de vida no seguimento de Cristo devem estar significativamente presentes nesta causa.

A Igreja, a comunidade dos convocados, é a mãe que engendra e dá à luz todas as vocações. Portanto, terminamos com algumas lúcidas palavras do Papa Francisco:

*“Peço a vocês bispos, sacerdotes, religiosos, comunidades e famílias cristãs que dirijam a pastoral vocacional nesta direção, acompanhando os jovens por itinerários de santidade que, sendo pessoais, requerem uma autêntica pedagogia da santidade, capaz de se adaptar aos ritmos de cada pessoa” (Papa Francisco, Mensagem para a LI Jornada de oração pelas Vocações 2014).*

## **Bibliografia**

- *Evangelho de João* 1,35-51.
- SANTO AGOSTINHO, *Sermão* 355, 2; *Epístola* 157, 4, 39, *para Hilário*; *Sermão* 72, A, 8.
- CONCÍLIO VATICANO II, *Lumen gentium*, n. 1,4,51.
- *Novas Vocações para uma Nova Europa*, n. 19 e 20.
- CELAM, *Documento de Aparecida*, n. 278, 314.
- PAPA FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, n. 107.110.164; *Amoris Laetitia*, n. 18; *Christus Vivit* n. 200; *Mensagem para a jornada de Oração pelas Vocações 2014*; *Mensagem para os participantes do Congresso Internacional 2017*.
- *Constituições dos Agostinianos Recoletos 2010*, n. 157-159.